

Rogério Miguez

Ocupemo-nos com sabedoria

É comum, entre os espíritas, a preocupação sobre o uso do tempo disponível no decorrer da existência, como bem aproveitá-lo, considerando existirem alguns setores de atuação, todos visando à nossa própria evolução: Família, Trabalho, Religião e Sociedade.

Esta apreensão se justifica plenamente, pois a existência é curta, e, de modo geral, só percebemos quanto é passageira, quando já se foi. E mais, atingindo a fase da vida quando se supõe acontecerá o término dela, já se começa a ajuizar como bem usufruir a próxima, porquanto, a atual já estaria sinalizando o seu término. A desencarnação é certa para todos nós, contudo, quando nos “convidará” a atravessar a aduana da morte, ninguém em princípio o sabe.

Quanto mais consciente é o espírita, tanto mais questiona como bem repartir o seu tempo ao longo de mais este período de aprendizado, sobretudo quando não foi espírita de berço; neste caso, uma boa parte da vida já se foi sem o norte dos conceitos espíritas, não que estes sejam absolutamente necessários, indispensáveis, mas nos ajudam na boa utilização ou distribuição do tempo.

Pensando nesta situação, pois é recorrente, a espiritualidade não poderia deixar de nos oferecer uma sugestão para avaliarmos e, quem sabe, usá-la em nosso próprio proveito. Em meio à rica e vasta literatura espírita, há um livro extremamente objetivo e bem delineado, abordando muitas destas questões do dia a dia. Publicado em 1960, fez sucesso no Movimento e, lamentavelmente, vem sendo esquecido em parte pelos ávidos leitores espíritas da atualidade.

Trata-se de *Conduta espírita*, de autoria de André Luiz. A obra é composta de 47 capítulos, todos de muita utilidade, em dois dos quais o autor oferece uma possível “receita”, orientando-nos na divisão do tempo pelas quatro áreas citadas anteriormente.¹

Faremos uma pequena digressão neste ponto, visto existir alguns poucos se pronunciando de modo contrário ao livro, pois em seu título há uma menção sobre *Conduta*. Argumentam, do alto de suas cátedras, ser inapropriado este título, pois a Doutrina é de liberdade, de modo que ninguém estaria autorizado a sugerir condutas.

Creemos totalmente desnecessário fazer uma defesa desta e de outras obras de André Luiz, porquanto os esclarecimentos proporcionados por este autor são irrepreensíveis e ainda continuarão sendo avaliados e utilizados em profusão pela Humanidade, tão logo estudiosos da ciência de várias áreas, por exemplo, se debruçam sobre os informes inéditos contidos nas obras do referido autor. Quando estive em sintonia com Chico Xavier, trazendo os informes do Mundo Espiritual, foi apoiado e assessorado por outros Espíritos, estes bem evoluídos, acompanhando-o neste mister. A propósito, *Conduta espírita*, foi psicografado por Waldo Vieira.

Retornando ao tema em análise, a família seria o primeiro setor a merecer atenção. A formação deste grupamento de Espíritos, explica e orienta a Doutrina, geralmente é definida na erraticidade² com o objetivo maior de promover a evolução de todos. Cada qual em sua função ou posição dentro da estrutura familiar. Muito significativa a advertência de Paulo de Tarso em sua primeira carta a seu discípulo Timóteo: “Se alguém não cuida dos seus, e sobretudo dos de sua própria casa, renegou a fé e é pior do que um incrédulo” – Paulo (*1 Timóteo*, 5:8).³

Após a família, surgiria o trabalho, pois como bem disse o Cristo: “Meu Pai trabalha até agora e eu também trabalho” – Jesus (*João*, 5:17).⁴ Ou seja, é imprescindível cada um providenciar, pelo próprio trabalho, os seus meios de subsistência, sem sobrecarregar a sociedade ou a própria família com as suas necessidades pessoais.

Atendidas as expectativas da família e do trabalho, sem preocupação, é possível voltar a atenção às atividades religiosas. Há várias opções para a participação ativa e passiva dentro do Movimento Espírita.

Finalmente, havendo tempo de sobra, pode-se atuar junto à sociedade buscando atender, mesmo parcialmente, as suas diversas carências, características de um mundo de provas e expiação.

Resumidamente esta seria a orientação, a proposta de André Luiz e, se refletirmos cuidadosamente nesta “receita”, reconheceremos ser bem razoável, senão vejamos:

1. Embora a família deva merecer especial atenção, não seria recomendado dedicar-lhe todo o tempo, em absoluto detrimento das outras áreas, pois cada um de seus membros deve caminhar por seus próprios passos; desta forma, atendidas as suas necessidades básicas, todos os seus integrantes teriam condições de continuar a vida sem maiores demandas;

2. O trabalho existe para fornecer os meios de subsistência, bem como desenvolver a inteligência, contudo, muitos no afã de acumular desnecessários bens, acreditando infantilmente que os levarão consigo quando daqui partirem, literalmente “se matam de tanto trabalhar e acumular”, esquecendo-se das outras três áreas. Além disso, quando se trabalha em demasia, despropositadamente, a saúde se enfraquece, conduzindo o incauto muita vez para um desencarne prematuro, situando-o na posição de suicida indireto no Plano Espiritual;
3. A opção religiosa deve ser vivida moderadamente, de forma a não absorver todo o tempo do espírita, ou do religioso. Deus não nos pede santificação da noite para o dia, tampouco ao término de apenas uma vida; além disso, a vivência religiosa não se faz apenas nas igrejas e templos, mas igualmente no caminhar do dia a dia, no contato com os semelhantes sem falar que a vivência extremada nas práticas religiosas pode facilmente conduzir ao fanatismo;
4. Somos integrantes da sociedade, fazemos parte deste conjunto, a vida social é lei de Deus, pelo que, dedicar algum tempo ao atendimento das múltiplas necessidades existentes é conduta natural e esperada. Os apelos são inúmeros: fome, falta de moradia, ensino deficiente, doenças, são muitas as mazelas humanas, cabendo-nos escolher um campo de atuação e dedicar um pouco do tempo disponível a atender as carências daquele particular campo escolhido, dentro do possível, visto que ninguém solucionará todos os problemas do mundo.

Ao pé do túmulo de Allan Kardec, o eminente astrônomo Camille Flammarion, durante seu discurso em homenagem ao mestre lionês, em mais um lampejo de genialidade bem característico de sua personalidade, se referiu ao Codificador como “o bom senso encarnado”. E como nos falta esta virtude, marcadamente presente nos homens de bem, estes já perceberam a função divina da existência e sabem bem dosar o seu tempo distribuindo-o adequadamente nos diversos setores durante o desenrolar da própria vida.

Família, Trabalho, Religião e Sociedade, eis o desafio para ocupar com proveito o tempo durante uma existência, atuando de forma alternada nestes campos com equilíbrio e discernimento, repartindo proporcionalmente nossa

atenção e recursos, obtendo assim um atendimento harmônico às nossas muitas obrigações e deveres cotidianos.

REFERÊNCIAS:

¹ VIEIRA, Waldo. *Conduta espírita*. Pelo Espírito André Luiz. 32. ed. 6. imp. Brasília: FEB Editora, 2015. cap. 8 – *No trabalho* e cap. 4 – *Do médium*.

² KARDEC, Allan. *Instrução prática sobre as manifestações espíritas*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 1. reimp. Brasília: FEB, 2011. *Vocabulário espírita*, verbete “ERRATICIDADE – estado dos Espíritos errantes, isto é, não encarnados, durante os intervalos de suas diversas existências corpóreas [...]”.

³ BÍBLIA DE JERUSALÉM. Trad. Gilberto da Silva Gorgulho *et al.* 8. imp. São Paulo: Paulus Editora, 2012.

⁴ _____.

⁵ KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2016. *Discurso pronunciado junto ao túmulo de Allan Kardec por Camille Flammarion*.